

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

REDACTORES—D. Miguel Sotto-Mayor e Dr. Custodio Velloso.—DIRECTOR—Antonio Joaquim de Mesquita Pimentel.

PREÇO DA ASSIGNATURA

6.º ANNO

Braga, 12 mezes.	1\$600
» 6 »	850
Correspondencias partic. cada linha	40
Annuncios cada linha.	20
Repetição	10

PUBLICA-SE

ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Provincias, 12 mezes.	2\$000
» 6 »	1\$050
» sendo duas assignaturas	3\$600
Brazil, 12 mezes, moeda forte.	3\$600
Folha avulso	10

N.º 855

BRAGA—TERÇA-FEIRA 29 DE OUTUBRO DE 1878

Os catholicos *accommodaticios*, os fieis seguidores das instituições e da dynastia, sob cujo predominio a religião tem chegado em Portugal ao estado florescente, em que actualmente a vemos, não deixam de disparar-nos de quando em quando o seu tiro de pólvora secca.

Ainda ha pouco liamos nós em um jornal, que não faz politica, o seguinte:

«Devemos advertir que a palavra *liberalismo* não significa o que vulgarmente entre nós alguns querem inculcar, principalmente jornalistas e pessoas de *má fé*. Não é a forma de governo ligada a certa dynastia; mas sim uma eschola ou corpo de doutrina politica (então agora já ha liberalismo politico?), social e religiosa. Tal doutrina chamada liberal, ou liberalismo, amolda-se a todas as formas de governo, quer seja monarchia absoluta, temperada antiga, ou representativa moderna; quer seja republicana, democratica, ou demagogica de diferentes matizes».

Tambem nós admittimos que o liberalismo não seja propriamente a forma de governo ligada a esta ou áquella dynastia. E' porém fóra de duvida, que existem em diferentes Estados da Europa dynastias e formas de governo introduzidas *ahi de proposito* pelo liberalismo, para melhor fazer vingar os seus principios; e isto parece-nos que nem o auctor do artigo em questão, nem ninguem ousará contestar em face da historia contemporanea, e da do nosso proprio paiz.

Ora essas dynastias *novas*, e essas tambem novas formas de governo, sendo inquestionavelmente um dos fructos do liberalismo, não podem deixar de participar das qualidades da arvore, que as produziu; a qual, sendo essencialmente má, jámais pôde dar bons fructos. *Arbor mala malos fructos facit*—diz o Evangelho.

Creemos que n'este argumento não ha nem sombra de *má fé*. Ha apenas uma deducção rigorosamente logica de principios incontestaveis.

Tambem nos não parece exacto que a doutrina liberal se amolde a todas as formas de governo. Pelo contrario, o que nos mostra a observação dos factos é, que o liberalismo, em toda a parte onde tem chegado o seu influxo, tem mudado ou alterado os antigos systemas de governo, substituindo-os pela chamada *monarchia representativa*, que olha apenas como uma transição para a republica, que é o seu bello ideal.

O auctor do artigo em questão diz-nos alguma cousa a este respeito, que nos cumpre registar aqui. Ouçamos:

«As intituladas theorias e os principios modernos liberaes, sendo em parte opostos aos principios fixos, que tem regido a humanidade, pretendem destruir estes, e quasi tudo o que a experiencia, a sabedoria e a tradição haviam consagrado».

Assim é. O liberalismo, longe de se amoldar a todas as formas de governo, e muito particularmente áquellas, que repositando em principios fixos, eram o resultado da experiencia e da sabedoria dos seculos, pelo contrario pretende destrui-las, e effectivamente as ha destruido, substituindo-lhe o systema representativo moderno, que é, depois da republica, o que melhor se coaduna com a sua missão demolidora e desorganizadora.

Assim foi que, ao apparecer pela primeira vez o liberalismo em Portugal, na celebre data de 1820, longe de obtemperar aos sinceros desejos da nação, que lhe pedia o restabelecimento das nossas antigas côrtes, foi buscar a constituição

revolucionaria d'Hespanha, substituindo a *lusitana antiga liberdade* pelo pandemonio chamado *parlamentarismo*, que tem arrastado o nosso paiz ás circumstancias deploraveis, em que hoje o vemos, quer politica, quer religiosamente considerado.

A' vista do que fica ponderado, perguntaremos nós agora: De que lado está a *má fé*? Será do lado dos que, baseados na palavra divina do Salvador dos homens—*Por ventura colhe alguém uvas do espinheiro, ou figos dos abrôlhos?*—de testam tudo quanto provem da má arvore do liberalismo, e repellem tudo quanto á sombra d'elle vegeta e se cria, incluívamente as formas de governo e as *dynastias*, que não são senão outros tantos instrumentos empregados por elle na obra de destruição, que tomou por infernal empresa; ou do lado dos que, parecendo reconhecer a maldade intrínseca do monstro e o criminoso e abominavel fim de todos os seus esforços, o repellem todavia só por metade, conservando-se no campo onde elle dicta a lei, e abraçados ás instituições e á bandeira por elle implantadas sobre as ruínas da religião e da patria?

O leitor imparcial e sincero que decida entre uns e outros, e que adjudique depois o affrontoso stigma áquelles, que mais o merecerem.

D. M. S.

Carta á Redacção do «Commercio do Minho»

Li n'este jornal a censura (que outro nome não sei dar-lhe), escripta pelo sr. Sousa Monteiro, ao sr. padre Seabra, por ter assistido ao officio, e missa de defunctos, mandada celebrar, em uma das igrejas de Lisboa pela illustre viuva de Alexandre Herculano, por alma de seu marido.

Respeito o sr. Sousa Monteiro pelo que é, pelo que tem sido, e pelo val na republica das letras, e no gremio dos christãos; mas respeito ainda mais o caracter sacerdotal do clero; e não posso, nem devo ser indifferente, vendo-o aggreir, podendo eu defendel-o.

Não conheço pessoalmente o censurado, nem o censor; mas pelas obras, que tenho visto de um, e outro, merecem ambos a minha estima (que para pouco, ou nada lhes serve), a minha veneração, e o meu culto: e sinto muito que o sr. Sousa Monteiro não procurasse, antes de escrever o que escreveu, algumas informações seguras, sobre a vida domestica, nos ultimos dias, de Alexandre Herculano, e sobre o que se passou, durante a enfermidade, que o levou á cova.

O sr. Sousa Monteiro viu em alguns dos escriptos de Herculano, taes como sobre o casamento civil, sobre a infallibilidade pontificia, sobre o dogma da Condição, o genio do anti-christianismo. Outros muitos viram o mesmo; e entre estes fui eu um d'elles, que o combati no casamento civil, e na questão da inhabilidade dos hospitaes, e misericórdias para succederem por testamento; questão, em que elle entrou por interesse de um seu amigo, com quem jaz hoje no mesmo tumulo, e na qual esgotou todo o seu saber juridico (que não era de espantar), a sua dialectica, e a sua oratoria enfeitada e ramilhetada, para mostrar que as misericórdias, e hospitaes eram corpos de mão morta, e inibidos porisso de adquirirem por herança testamentaria.

Tendo lido, e combatido aquelles escriptos sobre estes dois assumptos, admirei-me muito quando soube que o seu

auctor se casara canonicamente, ou ao uso e estilo da Igreja Catholica Apostolica Romana, e que, sendo um dos revisores do Codigo Civil, deixasse passar o principio contrario ao que elle tão tenazmente tinha defendido sobre a tal inhabilidade dos hospitaes, e misericórdias!! Admirei-me muito, repito, d'estas duas emendas em um homem tal, como effeito Alexandre Herculano; e quasi que cheguei a deixar-me possuir do louco orgulho de ter tido grande parte n'esta conversão! O certo é que na occasião que o Cod. Civ. entrou nos revisores, alguém me pediu todos os folhetos, que eu ainda conservava sobre a segunda das questões; pedido a que satisfiz dando 17, que me restavam. Este alguém estava em relações com a commissão revisora.

Fosse o que fosse; o que é certo é, que estes dois acontecimentos, estas duas diferentes conductas d'aquelle homem, que passou entre nós pelo mais distincto, e sabio escriptor d'este seculo, provam, no meu modo de vêr, que Alexandre Herculano não era sceptico, e incapaz de conhecer, e de ceder á verdade; e só orgulhoso do seu nome para não retractar-se, escrevendo, do que uma vez houvesse escripto; retractou-se porém com o exemplo na sua conducta nos dois casos, que deixo narrados, e que são notorios.

Alexandre Herculano não procurou para sua companhia, uma mulher na alta aristocracia, nem que possuísse riquezas, e encantos exteriores; procurou uma mulher virtuosa, e dotada de juizo, uma mulher religiosa, que todos os dias orava no seu oratorio, sem que o marido a impedisse; e este marido vendo a pobreza do seu oratorio, foi a Lisboa, comprar por 300,000 e tantos reis a armadura de uma capella e mandou arrumar a casa, em que estava o oratorio, e adornal-a como ermida (trabalho, que não viu concluido), e tratava de achar um capellão para ter missa em casa. E' este outro indicio de que Alexandre Herculano mudara de crenças, se as tivera diversas.

Durante a enfermidade, e depois da conferencia medica, a que assistiu o sr. Moura Continho mandado pelo sr. D. Luiz, fez o seu testamento, e encarregou um seu amigo, que lhe assistiu todos os dias, de chamar-lhe um ecclesiastico para se confessar, e receber os sacramentos; mas o ecclesiastico indicado, e que morava em Santarem, não ponde ir por impedimento do seu officio de parochio. Sabido isto pelo enfermo, insistiu com o amigo para que chamasse outro; e foi então que um sobrinho d'Herculano se opoz a isto, e tal urdidura de duvidas tecu nos familiares, que a morte pôz termo a tudo!

Se o sr. Sousa Monteiro quizer certificar-se d'estes promenores, informe-se com a viuva, e com o sr. João Urbano da Silveira, de Santarem, que foi testemunha ocular, e de facto proprio.

Sabido isto, sabido fica que Alexandre Herculano não morreu impenitente, nem a morte do impio e do atheu, para que os christãos sejam relevados de orar por sua alma. É uma causa, de que só Deus pôde ser Juiz; e ainda quando podesse o homem (que não pôde) formar juizo do destino d'aquella alma, nem ainda assim é censuravel o sr. padre Seabra por se juntar com os que foram orar por ella, por ser certo na Theologia mystica que os suffragios da Igreja, e dos fieis, por uma qualquer alma, aproveitam a todas as do Purgatorio quando aquella, por quem são applicados, os não precisa, ou os não pôde aproveitar.

E por ultima consideração acho que é um grande mal para a sociedade, e peor no tempo presente, em que os inimigos da Igreja, se aproveitam de todos os meios para aggreir-la, metter em almoeada a conducta de um sacerdote d'essa Igreja, em cuja vida não ha, nem tem havido causa de escandalo.

Perdoe-me o sr. Sousa Monteiro, se o offendo no que deixo escripto.

Santarem, 16 de outubro de 1878.

José de Freitas Amorim Barbosa.

A supressão dos conventos e a desamortisação ecclesiastica, julgadas por lord Carnarvon, protestante.

«Quaesquer que sejam os effectos remotos da supressão dos conventos mais ricos da Hespanha e Portugal, apesar de isso, se se considera o abandono em que jaz a agricultura em uma grande parte da Peninsula, a sua existencia foi uma benção e a sua abolição, em meu juizo, um verdadeiro mal para o Estado. Os frades, eram, em muitas occasiões, os unicos proprietarios que residiam em suas propriedades, e a sua benéfica influencia se via ostensivamente na melhora de suas terras, e nas commodidades, cada vez maiores, da povoação estabelecida em torno d'elles, porque por sua parte punham grande capital e grande intelligencia na administração de suas propriedades, e empregavam profusamente e recompensavam com usura a diligencia do lavrador; seus Estados eram por conseguinte, com a maior frequencia, os melhor cultivados do reino, e a repentina e irreflexa abolição dos conventos provavelmente durante muitos dos annos vindouros deterá os progressos da agricultura, em vez de adiantal-os. Qualquer pessoa que atravessasse a Hespanha antes da abolição dos conventos, deveria observar a differença que existia entre a administração pratica dos Estados possuidos pelas corporações religiosas e outras terras. Não pôde o viajante ter deixado de observar como estavam melhor reparados os caminhos nos Estados do clero, as pontes cuidadas com mais esmero, e maior attenção consagrada ao melhoramento de seus bens, que no resto do paiz; teria notado tambem que muitos dos mosteiros estavam situados nas immedições de bens pessimamente administrados e frequentemente por cultivar; do que se deduz que á falta de taes estabelecimentos, teria tido a sua terra sorte igual á das propriedades confinantes; teria sido mal administrada ou permanecido completamente baldia. Estas corporações ecclesiasticas deveriam ser conservadas e seriam de inestimavel valor alteradas ou reformadas, de sorte que pudessem estenderem sua esphera de acção, abraçar outras e mui importantes obrigações, assimilhando-se, quicá, em certo modo, ás nossas instituições collegiaes (falta um protestante, note-se bem).

Os conventos hespanhoes muitas vezes serviam de Bancos locais, e n'um paiz singularmente desprovido d'elles, eram de extraordinario beneficio, porque adiantavam o dinheiro necessario para melhoramentos agricolas e regionaes, por preço modico, admittindo em troca encargos na renda e hypothecas. Como proprietarios activos e intelligentes, estimulando o trabalho e facilitando os negocios, foram os frades uteis em quasi todas as occasiões; como conselheiros espirituaes e temporais do povo, fazendo-lhes milhares de bene-

fícios com suas admoestações, sendo arbitros em suas dissensões, modificando suas opiniões, exercendo uma quasi illimitada influencia em seu animo, occupavam o lugar das familias solarengas, as quaes havia muito tinham deixado de residir nas provincias, e cuja deserção dos districtos nativos houvera sido grandemente senetida a não ser pelos conventos. Para o governo, enquanto os tratou com bondade e consideração, foram seus serviços de incalculavel valor nos districtos ruraes de Hespanha, nos quaes a influencia e o costume levaram sempre vantagem á lei, e onde a lei será comparativamente inefficaz durante muitos annos.

Contribuições que facilmente teriam podido illudir-se, eram pagas pela sua intervenção; as dissensões locais, graças ao seu auxilio, eram com presteza apaziguadas e mantinham um geral espirito de lealdade, sempre vivo. Em epochas difficeis e desastrosas para a nação, os conventos mais ricos fizeram frequentemente beneficios da mais solida natureza ao Estado; e por espirito de desinteressada adhesão, que não se acha geralmente em corporações publicas, alliviaram algumas vezes com generosas e espontaneas dadas as necessidades do monarcha.

Quando os Estados dos mosteiros foram confiscados em 1820, marcou-se aos frades um estipendio inadequado, comparado com as rendas anteriores, e pago irregularmente. Finalmente em muitas occasiões retirou-se-lhes a paga estipulada, deixando-se morrer de fome aquelles homens infelizes. Porém, similhante medida, assim e como foi apresentada ás Cortes, era em si mesmo injusta e impolitica; porque não se dava ampla compensação aos individuos em troca da perda dos direitos que possuíam e a opinião publica considerava como sagrados, e que estavam garantidos pela lei existente quando se fizeram membros d'aquellas comunidades, e como taes participantes dos seus beneficios e privilegios.

Seus melhores annos decorridos na rotina d'aquella educação e n'aquelles habitos essenciaes á sua vocação pelos quaes se tornavam inhabeis para dedicar-se em occupações de natureza mais activa, haviam soffrido directa e indirectamente pela mudança de systema. Suas esperanças de promoção se desvaneceram, minorou-se a sua influencia, decrescendo de continuo; certamente tinham direito a maior compensação, sob o ponto de vista do dinheiro.

Depois da contra-revolução, em 1823, os conventos foram restabelecidos, porém foram supprimidos ultimamente pelo governo christão. As crueldades executadas com os infelizes frades n'aquellas circumstancias, causa espanto só pensar n'ellas. Abolir os conventos do modo que se fez, foi, segundo creio, imprudente, e o procedimento observado para effectual-o, foi seguramente perverso.

Em outra publicação anterior insisti nos actos circumstanciados do governo n'este assumpto: ommito os agora como incompatíveis com a extenção e plano de esta obra. Direi tão sómente que as circumstancias que acompanharam a supressão dos conventos sob o governo da rainha Christina foram uma repetição aggravada das crueldades commettidas com os frades durante o regimen de 1820.

O liberal hespanhol é o mais estacionario de todos os seres humanos, o mais incapaz de aproveitar-se das duras lições da experiencia pratica; aspirando as vantagens especulativas e sempre liberal, nos escriptos, porém nunca na pratica, o tempo desliza debalde sobre a sua cabeça.

O mundo, em geral, se fez, não só mais velho, senão tambem mais prudente desde a revolução franceza; porém, os democratas hespanhoes se mostraram com respeito a seus conventos, no que se refere a distribuir o paiz em divisões departamentaes, em uma palavra em tudo que diz respeito a regras, praticas, os theoricos, os desesperados theoricos de 1789.

Creio, que enquanto aos conventos, sob um melhor systema, poderia ter-se feito com que fossem do maior proveito para diffundir no paiz, conservando n'elle um systema de educação popular, combinando os conhecimentos uteis com o salutar espirito religioso, sem o qual importa pouco o exito ou desastre de qualquer instituição destinada ao ensino da juventude.

Hei-me detido n'este assumpto demasiado tempo.—*Lord Carnarvon*.
(Portugal and Gallicia).

GAZETILHA

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Rogamos aos nossos assignantes que estão em debito para com a administração de este jornal que se dignem satisfazer, como lhes cumpre, a importancia das suas assignaturas. Dirigimo-nos ainda com mais instancia a alguns snrs. que se tornam vergonhosamente notaveis por serem remissos em demazia no cumprimento d'este dever. A estes ultimos teremos, pelo menos, de lhes suspender a remessa da folha no fim do anno corrente, se antes não mandarem satisfazer.

Mais cuidado.—Os typographos da «Palavra», transcrevendo a nossa local de quinta-feira passada, em que resumiamos o discurso que na Casa da Associação Catholica recitou o director espirital, fez dizer a este que a insolencia caracterizava os bracarenses; e elogiando-se alli o caracter religioso do finado snr. José Maria Dias da Costa, que não era catholico só no nome, disseram exactamente o contrario pondo um *vão* por um *não*. A troca foi só de uma letra, é verdade, mas o despropósito ficou taludo de mais, e porisso pedimos correcção. Por cá tambem temos typographos dormitantes ás vezes, mas quando assim calumniarem o proximo, hão de soffrer a pena de recompor o que compuseram mal.

Primeiro de Dezembro.—Passa por certo que a classe academica d'esta cidade festejará ruidosamente este anno o dia 1 de Dezembro, anniversario da nossa restauração. Honra lhe seja.

Desculpem-nos emfim como poderem; mas nós ainda somos d'aquelles que se sentem inclinados a estas manifestações sinceramente patrioticas. E' achaque velho.

Fallecimento.—Na madrugada de sexta-feira falleceu n'esta cidade a snr.^a D. Anna Joaquina Candida Cardoso, mãe do snr. José Cardoso da Silva Guimarães, pharmaceutico e cavalheiro por tantos titulos estimado.

A finada foi á noite d'aquelle dia conduzida para a capella de S. Miguel-o-Anjo, e no sabbado para o cemiterio depois dos officios funebres.

Acompanhamos a familia enlutada na dor que este golpe lhe causou.

Outro.—No mesmo dia finou-se na sua casa do Passadiço, na rua de S. João, o exm.^o snr. Antonio José Torres de Mendonça, que por muito tempo soffreu d'uma terrivel paralyisia, a que succumbiu.

Teve officios funebres no templo de Santa Cruz.

Aos leitores pedimos um P. N. por sua alma.

Livros e impressos.—Continuamos a enumerar as publicações recebidas:

O Ramallete do Povo—Fasciculo n.^o 29.

Recebemos este fasciculo, que conclue o sujo romance *Os estroinas de Lisboa*, e contém mais 16 paginas do *Codigo civil Portuguez*.

—O Mestre Popular (O Francez sem mestre).

Distribuiu-se o fasciculo n.^o 37 d'esta publicação linguistica, de que é redactor o snr. Joaquim Gonçalves Pereira.

O methodo apresentado n'esta publicação é excellente, e deve dar optimos resultados.

—Manual novissimo dos regedores e juntas de parochia, —por I. de Sousa Duarte.

E' editorado pela acreditada livraria dos snrs. Mattos Moreira & C.^a, Praça de D. Pedro, n.^o 67, Lisboa.

Respeita á administração parochial, elucidando a execução da ultima reforma administrativa de 6 de maio d'este anno, pelo estudo e confrontação d'esse codigo com o de 18 de março de 1842, visto que este não ficou absolutamente revogado, senão nas disposições contrarias a nova lei.

—Atravez d'Africa — Viagem de Zan-

zibar a Benguella, por V. L. Cameron—Traduzido do inglez por Francisco de Lencastre.

E' muito curiosa esta obra, de que acabamos de receber o fasciculo 4.^o

Numerosas gravuras a embellesam, competindo com a excellencia da versão e nitidez da impressão.

Toda a correspondencia deve ser dirigida aos editores *Mattos Moreira & C.^a*, Lisboa.

Regicídio.—Madrid 25. á tarde.—A's 5 horas da tarde, em frente da casa n.^o 93, na rua Mayor, foi disparado um tiro de pistola contra o rei, por um operario tanoeiro chamado Juan Oliva y Moncasi, de 23 annos de idade, natural de Tarragona. O rei não foi ferido, nem pessoa alguma, indo a bala cravar-se na parede da casa n.^o 100. O auctor do attentado foi agarrado immediatamente por alguns soldados e conduzido em seguida á prisão; alli confessou o crime, com premeditação. Oliva viera para Madrid no dia 20 do corrente.

O rei seguiu entre aclamações para o palacio real, onde em breve se reuniu um conselho de ministros.

Os embaixadores estrangeiros foram felicitar D. Alfonso.

Rousseau e Voltaire.—N'um periodico encontramos este texto de Rousseau a respeito de Voltaire: «Porque razão mancha o nome d'este chocarreiro as vossas cartas?... eu aborcel-o-hia mais se o desprezasse menos... Não vejo em seus grandes talentos senão um opprobrio de mais que o deshonra pelo indigno uso que d'elles faz. Seus talentos só lhe servem, assim como suas riquezas, para alimentar a depravação de seu coração.»

Irmãs de S. Vicente de Paulo.—Na capital da Turquia e corte do Sultão, as irmãs de S. Vicente de Paulo sustentam cinco hospitaes onde ha 2:400 enfermos, 120 velhos e 40 alienados; cinco escolas de meninas com 110 educandas, duas casas de asylo para jovens orphãs; tres para orphãos tambem jovens; quatro casas para consultas gratuitas, e uma casa para meninos recém-nascidos.

«Ide lá, diz á vista d'isto um illustradissimo collega de Paris, ide lá, philanthropos atheus, e no fim d'alguns mezes de vossa direcção veremos a que fica reduzida a prosperidade d'esses asylos creados pela fé, sustentados pelas esperanças, e alimentados pela caridade.»

Cidade russa incendiada pelos nihilistas, o mesmo que communistas.—Uma correspondencia de Moscou acaba de mandar ao «Globo» de Londres os seguintes detalhes sobre uma vasta conflagração que destruiu o principal quarteirão da cidade de Razian.

Na manhã de vinte e sette do mez de setembro ultimo, um incendio appareceu n'um grande armazem de fructas na Perspectiva Gonshtchnei, que é uma das principaes ruas da cidade.

Duas horas depois, appareceu segundo incendio na rua Astrakan, onde estão situadas as mais bellas lojas, e os bombeiros esforçavam-se para o apagar, quando ao meio dia outro incendio rompeu na rua visinha, a cem metros apenas.

Finalmente, a uma hora, um quarto incendio appareceu n'uma extremidade da cidade. A simultaneidade d'estes quatro incendios não deixou a menor duvida no espirito do governador que elles eram devidos a incendiarios, e temendo que elles não fossem os signaes percursores d'uma conspiração, telegraphou para Moscou, a distancia de 120 milhas para o norte, para pedir todas as bombas disponiveis e para o campo de Voskresenski, para um regimen de soldados. Em resposta a este pedido, o principe Dolgoroucki, reuniu e expediu immediatamente de Moscou, por um trem expresso, para Razian trinta e nove bombas com o numero requerido de bombeiros. Ao mesmo tempo chegavam a Razian, mandados de Voskresenski, quatro companhias de cosacos e uma de soldados.

A conflagração era tal ás quatro horas da tarde, que se descobriam a 50 verstes os clarões das chammas do incendio e a 20 verstes as chammas.

O fogo tinha-se estendido das quatro casas aos edificios visinhos, e logo que chegou o expresso de Moscou, vinte casas estavam em chammas. As bombas da cidade eram mui pequenas; ellas não prestavam para nada, tanto mais que havia muita falta d'agua. Em consequencia de sto teve-se de se resignar a limitar simplesmente o incendio, demolindo as casas visinhas, onde foram mui uteis os cosa-

cos. Durante este tempo, os habitantes, aterrados com o medo d'uma conspiração, conservaram-se a maior parte em casa, o que permittiu aos bombeiros de não serem incommodados em seus trabalhos.

N'aquella noite, a cidade apresentava um aspecto extraordinario, as chammas elevavam-se até ás nuvens em quatro immensas columnas, enquanto as ruas estavam envoltas pelo fumo.

Só na noite do dia seguinte, 27, se pôde dominar o incendio.

Então estavam queimadas 23 casas de pedra, 31 de madeira, e 70 armazens e lojas. Os prejuizos elevam-se a mais de 2 milhões de rublos.

Quando o trem postal deixou Razian, o fumo ainda se elevava das ruinas e uma brigada de bombeiros, acompanhada por uma companhia de soldados, percorria a cidade para obstar a toda a nova conflagração. Os habitantes estavam aterrados por estes actos de incendiarios, e está-se convencido que as auctoridades encontraram a prova no meio das ruinas, de que os incendios foram obra dos nihilistas. As auctoridades de Moscou chegaram á mesma conclusão, em consequencia das numerosas cartas que receberam do comité nihilista, informando-as da sua intenção de destruir toda a propriedade accumulada nas cidades da Russia, e fazendo comprehender que o augmento extraordinario dos incendios durante os ultimos dezoito mezes, foi causado em cumprimento de seus decretos.

Por onde se prova que a maçonaria assassinou Garcia Moreno.—Lê-se no «Tablet» de 5 de outubro, o seguinte artigo, cujo titulo é: «Os liberaes do Equador e Garcia Moreno.»

«Quando a imprensa catholica attribuiu o assassinato de Garcia Moreno, presidente do Equador, ás machinações do partido revolucionario e maçonico d'aquelle paiz, os jornaes da Europa liberal protestaram contra o ultrage de tornar um partido inteiro responsavel de um crime individual.

Porém, um jornal liberal do Equador, o «Espectador», acaba de reconhecer abertamente que os liberaes são responsaveis do assassino de Moreno. Este jornal declara que se Garcia Moreno ainda vivesse a sua energia, teria já feito reconstruir ha muito, as tres grandes pontes, que ha mais d'um anno foram destruidas pela erupção do Catopaxi, e continua d'esta maneira: «Porque razão pois, pôde alguém perguntar-nos, cooperasteis vós na morte de Garcia Moreno?... Nós matámo-lo por que estava obstinadamente pegado ao seu cargo, coisa que é inteiramente opposta ao systema de governo republicano.

Matámo-lo por causa da infernal mania com que costumava confiar tudo aos estrangeiros. Matámo-lo porque procurava fazer reviver as antiquadas e terribes doutrinas dos tempos de Phillippe II. Por estas e outras muitas razões o matámos.

Mas a sua força e caracter, o seu zelo pelas obras publicas, a sua admiravel e incansavel energia, a auctoridade com que inspirava medo á tropa e a conservava em ordem, a sua desinteressada dedicação ao bem publico, tudo isto nos enche de admiração, e não podemos deixar de approvar estas virtudes.

Quão differente é o procedimento do general Vintimilla!

Archivamos e pedimos a todos que archivem.—(«Nação»).

Miserias d'alguns dos nossos litteratos.—Ha poucos dias li um livro do snr. D. Antonio da Costa, sobre a instrução em Portugal, que, salvo algum prurido de linguagem, o fundo é todo inçado de erros e injustiças.

N'esse livro da *Historia da instrução* em Portugal, s. 3.^a ataca furiosamente a inclyta Companhia de Jesus e eleva o seu alçoz até ao terceiro céu.

Se dispuzessemos de mais tempo, provaríamos que o snr. D. Antonio cabe em muitas contradicções a respeito dos Jesuitas, e, por muitas vezes, sem querer, faz a mais victoriosa apologia d'aquelles immortaes educadores da mocidade.

Se o snr. D. Antonio da Costa quizer ver o que foi a reforma do marquez de Pombal na instrução publica d'esta nação, lhe pedimos encarecidamente que leia ao menos a introdução da obra de *Direito civil ecclesiastico brasileiro*, do senador Candido Mendes de Almeida, que com uma especie de orgulho podemos chamal-o a nossa bibliotheca universal ambulante. Esta introdução que só bas-

ava para immortalizar seu auctor, consta de 424 paginas.

Esta obra do illustre senador Candido Mendes, devia ser o manual de todos os ecclesiasticos e leigos do Brazil e Portugal. A abominavel seita do regalismo ahi foi crucificada, morta e sepultada para não mais resurgir.

E n'outra parte:

«O sr. Pinheiro Chagas tem atacado os milagres de Lourdes com a mesma pobreza de argumentos com que o illustre A. Herculanio combater o dogma da Immaculada Conceição. Combater cousa tão seria tão levemente, sr. Pinheiro Chagas, é dar uma triste idea de si. Vá o sr. Pinheiro Chagas ganhar o dinheiro do sr. Artus, provando a falsidade dos milagres de Lourdes.

Deixe este systema pessimo de declamar sem provar nada.

S. s.^a foi victima uma vez d'este seu proceder irreflectido.

S. s.^a avançou proposições falsas a respeito dos jesuitas uma vez, e tendo-o provocado solemnemente o sr. dr. Reis para uma discussão historica sobre elles, o sr. Pinheiro Chagas metteu a viola no sacco até hoje.

O mesmo succedeu a respeito do *Dicionario Popular*. Estas quedas são bem significativas em um litterato da ordem de s. s.^a

S. s.^a tem periodos de legua e meia para louvar o Moloch portuguez, na expressão energica de José Bonifacio e do illustre sr. Candido Mendes, e entretanto para Nossa Senhora de Lourdes s. s.^a só tem a zombaria e o escarneo nos bicos da pena.

Lastimamos que um escriptor da ordem sr. Pinheiro Chagas, se misture com a rapaziada *illuminada* de Coimbra, feitas as devidas excepções, em obra tão indigna de um homem serio. Onde irá parar uma litteratura, cujos representantes são d'este quilate?—(«Apostolo», do Rio de Janeiro).

Noticias externas.—Foi enviada ás potencias uma nota pela Russia, em que pede que tenham mais energia contra a Turquia, ou que novamente se reunam em congresso para deliberarem o que for mais conveniente.

Esta nota parece-nos ser a formal e absoluta condemnação do tractado de Berlim, já de facto condemnado por alguns actos das diferentes potencias, mas que todavia ainda tinha um tal ou qual caracter de lei internacional. Acrescenta-se que a Austria e a Inglaterra não deram resposta á nota da Russia, e não se diz como lhe responderá a Alemanha.

Os periodicos estrangeiros fallam tambem de uma circular enviada pelo governo turco ás nações, queixando-se das tropelias commettidas pelos soldados austriacos na Bosnia. Circular a que as potencias não deram importancia alguma.

—Do conflicto anglo-russo pouco se sabe.

O emir de Cabul respondeu á nota ingleza, mas por modo pouco satisfatorio, o que faz crer que a guerra do Afghanistan é inevitavel.

E nem só alli a Inglaterra pretende atacar a Russia; os seus maneios politicos contra esta nação tem por sede principal Constantinopla.

Obito.—Falleceu ha dias em Villa Nova de Gaya, o sr. visconde de Valle de Piedade, pae do sr. visconde de Castro e Silva.

Circular.—Pelo ministerio do reino tem sido expedida uma circular a todos os governadores civis, acompanhada de exemplares do regulamento geral de sanidade urbana e rural; que foi mandado fazer e imprimir por portaria de 6 de dezembro de 1876.

O regulamento hade ser distribuido ás administrações dos concelhos e delegações de saúde, etc.

Ordem publica de Hespanha.

—Sumario:

—Prisão dos officiaes da armada em Ferrol.

—Desordem em Madrid.

—Prisão de Py Margall.

—A guerrilha de Almeria.

—A quadrilha dos portos de Beceite.

—Roubo d'um trem.

—Tentativa de assassinato na pessoa de D. Alfonso XII.

O Kulturkampf e o protestantismo.—E' interessantissima e grandemente insuspeita a seguinte confissão do *Reichsbote* de Berlim, um dos mais notaveis periodicos protestantes allemães: «A Igreja evangelica tem soffrido muito por occasião d'esta lucta. Muitos pro-

testantes julgavam dever mostrar ao Estado sua fidelidade associando-se aos actos de perseguição e ás injurias que a imprensa liberal vomitava contra a Igreja Catholica, sem fallar das leis relativas ao estado civil e inspecção das escolas, a imprensa liberal do *Kulturkampf* teem causado á nossa Igreja evangelica os maiores danos. A indiferença e o odio contra a Igreja e o Christianismo tem crescido de um modo incrível, e as multidões deschristianizadas dos pobres tem-se abalado, lançando-se nos braços do socialismo.

Por occasião do afastamento da Igreja e do Christianismo e pela impia divisa—*tudo é natureza*,—que foi d'isto consequencia, a immoralidade cresceu desmesuradamente e os delictos multiplicaram-se de um modo atterrador. Os vinculos sociaes foram dissolvidos, pela razão de que os factores moraes—a auctoridade e a piedade—foram abandonados e substituidos pelo mercantilismo racionalista; de modo que nos encontramos em frente de mil difficuldades sociaes, moraes e ecclesiasticas. De todas as promessas que nos foram feitas no principio do *Kulturkampf*, não só se não manteve nenhuma, mas aconteceu por toda a parte o contrario exactamente de quanto se nos prometteu, e em vez de paz, havemos recolhido a discordia e a dissolução.

Não será por isto mesmo que o liberalismo de todo o mundo tem applaudido *Kulturkampf*, essa injustissima guerra de morte declarada por Bismark ao Catholicismo? E não será ainda por isso que o dito liberalismo olha de travez para o Chanceller prussiano, desde que elle, arrependido da sua obra, parece procurar algum meio para pôr cõbro aos males que desencadeou sobre a Allemanha?

Responda-nos algum liberal sincero, se é que existe entre mações ou maçonisantes.

A proposito:—a maçonaria está furiosa contra o Chanceller, desde que admitiu em sua casa, para conferenciar, Monsenhor Masella, Nuncio de Munich; e jura aos seus deuses que se não virá a nenhum accordo. Depois manda espalhar que são os jesuitas os que o estorvam! Mas ninguém lhe dá credito, nem os mais lorpas.—(«Esperança»).

Felizes tempos!—Escreve um correspondente de Lisboa:

Dizem de Lagos (Africa) que o rei de Dahomey mandára capturar a 25 d'agosto o commerciante portuguez de Ajuda, Ignacio de Sousa Magalhães, sendo victima de maus tratos. Do nosso forte nada se fez em favor do nosso compatriota, porque não temos alli força necessaria para que a nossa bandeira seja respeitada.

Missões da Alta Zambezia.—A Santa Sé confiou á inclyta Companhia de Jesus as missões da Alta Zambezia (Africa).

O superior designado é o Padre Depelchim, que desde a idade de dezoito annos se consagrou ás missões da India.

A missão da Alta Zambezia estende-se desde o paralelo 23 a 26 sul e desde o grau 18 a 30 do meridiano de Paris.

Desde o Transvaal e Cabo da Boa Esperança chegou até aos fortes da Zambezia e do Lauza, immediatos ao lago Bagwelo.

O territorio comprehendido dentro d'estes limites abarca uma extensão approximadamente quatro vezes maior que a França.

Os Lusitadas.—Vae ter uma nova edição nos Estados-Unidos o immortal poema do nosso epico. Será feita a versão pelo editor e proprietario da «British and American Mail».

Triste anniversario.—Hoje, 85.^o anniversario da morte da rainha Maria Antonieta, diz «L'Univers», celebraram-se missas na capella expiatoria, desde as 7 horas da manhã até ao meio dia.

O peditorio foi feito em proveito da igreja do Sagrado Coração.

A assistencia foi das mais numerosas. O senhor conde de Chambord foi representado por M. de Breux Brezé. Da familia real assistiram o senhor duque de Nemours, a senhora duqueza de Madrid e D. Luiz de Bourbon de Napoles. D. Carlos foi representado pelo Marquez Ponce de Léon.

Notamos, além d'isto, na assistencia, senadores, deputados, generaes e numerosas pessoas de distincção.

A imprensa catholica e realista de Paris e das provincias estava em grau completa.

Nuncio para o Brazil.—Refere um periodico francez que Monsenhor Ma-

ter, novo internuncio para o Brazil, vae proximaemente occupar o seu posto. Elle é portador de uma carta do Papa para o imperador e d'uma carta de Monsenhor Nina para o governo brasileiro.

Estas cartas agradecem ao imperador e ao seu governo o cuidado com que elles teem procurado aplanar as differenças existentes, e o acolhimento feito ao internuncio. Pelo menos é isto o que diz um periodico francez.

Recentes aparições.—As correspondencias allemães fallam muito das recentes aparições da Santissima Virgem em Gertswald (Polonia). A ultima teve logar a 8 de setembro. Sabe-se que a Mãe de Deus se tinha manifestado, no ultimo anno, a 4 mulheres. Ellas deviam achar-se em Gertswald, este anno, na mesma epoca, mas sómente duas alli foram. Sessenta mil fiéis alli concorreram e 40 padres presentes não poderam satisfazer a todas as confissões. A Santissima Virgem appareceu, e respondeu a muitas perguntas apre-entadas pelos padres. A recommendação de pedir, a certeza de protecções providenciaes e a aproximação de melhores tempos. Tal é um dos effeitos d'estas manifestações divinas. As curas operadas sobrenaturalmente, tal é uma outra face d'estes beneficios da misericordia do alto. Em Gertswald, como nos outros logares onde desceu a Mãe do Salvador, ha a certeza que a volta para Deus é o meio seguro da felicidade publica e da renovação proxima dos povos na prosperidade e na paz.

Livros no Index.—Por decreto de 16 de setembro de 1878, a Sagrada Congregação do Index condemnou e proscreevou as seguintes obras:

Exposição critica do Genezé (em italiano), por o professor João Baptista Givía—Roma 1877.

O processo de Jesus Christo, por Aureliano Schall.—Paris.

Religião e politica, estudos supplementares e cartas precedidas d'uma noticia biographica, por Patricio Laroque.—Paris 1878.

Novo ensaio sobre a acção de Deus na liberdade do homem, segundo a verdadeira doutrina de S. Thomaz, por o P. Giacomo, do Sagrado Coração de Maria (em italiano).—Napoles.

O novo ensaio sobre a acção de Deus, etc. defendido pelo auctor (em lingua italiana).—Napoles 1878.

O auctor submetteu-se lovavelmente e reprovoa estas duas obras.

Propaganda socialista.—A proposito das farinhas avariadas que a auctoridade de Chatelleraut mandou deitar ao rio, diz um periodico francez, passou-se o seguinte dialogo:

«M. B. observando que a multidão corria para ser testemunha d'este triste espectáculo, desceu á rua e misturou-se com os curiosos.

«Um individuo de má cara, tornando-se notavel por sua altura, vendo M. B., bem conhecido por um clerical, diz bem alto para que todos o ouvissem, sacudindo o seu cachimbo: eis ahi o que fazem os nobres desde ha muito tempo para afaimar o pobre povo; deixam apodrecer as suas farinhas».

M. B. dirige-se ao homem que assim fallava, e que era um commissario vigiador da internacional; e na presença de muitos curiosos que tinham ouvido o seu proposito, trocou com elle o seguinte dialogo:

—«Conhece o nome de quem vendeu essas farinhas?»

—«Não; mas dizem que é um nobre.

—«Eu conheço-o particularmente. Aquelle que forneceu a farinha á intendencia chama-se G.; habita N.; e é o mais fogoso republicano d'este districto.

—«Tinham-me dito que era um nobre.

—«Sim, v. m. o tinha dito para o repetirem. Acontece com esta calumnia o mesmo que com todas as infamias que o encaregam de espalhar».

Durante esta scena, grupos de obreiros aproximaram-se, e, diga-se a verdade, para sua honra, elles não hesitaram em se pôr do lado de M. B.

E' para desejar que o exemplo d'este seja sempre seguido, e que as excitações demagogicas, por toda a parte onde ellas se produzirem com tal cynismo, em favor das menores circumstancias, encontrem contraditores sabendo-lhes tão bem fazer justiça.

SECÇÃO DE COMMUNICADOS

Pedem-nos para publicar a seguinte

Resposta á «Nação» de 6 de outubro.

A «Nação» dignou-se aproveitar, ou achar «proveitaveis», trinta emendas feitas por mim na primeira parte da traducção anonyma dos *Jesuitas* de Féval. Já é.... Se publicasse, como lh'as envie, as restantes que perfaziam o numero de cincoenta e duas, o publico *desinteressado* as acharia tão *proveitaveis* (traduza-se—indispensaveis) como as trinta primeiras. Mas não tinha espaço para tanto: ficavamos privados por dous ou tres dias das importantes noticias do Jockey-Club, drama *Familia Daniheff*, *testamento d'um doido*, da poesia *Teus olhos*, *Revalescere du Barry*, etc. etc. Por tanto, não lhe levemos a mal a ommissão involuntaria. Os erros que publicou, já não foram pòncos, benza-a Deus!

Lá que, para curar as cabeçadas fortes demais do seu cliente, lhes applique a arnica da **TRADUÇÃO LIVRE**, que havia ella de fazer? que melhor panacea poderia escolher?...

Em vez de—volumes fastidiosos, mas cheios de fel—, está na traducção—fulminantes mas cheios de fel—, ideias que se não contrapõem e apenas se parecem com uma certa cousa chamada ineptia? Traducção Livre!

Em vez de—talismão que levava consigo para o céu—, está na traducção—que tinha alcançado do céu—, cousas muito diferentes? Traducção Livre!

Em vez de—vendem jesuitas em postas—, está na traducção—fazem consumo de jesuitas—, como se consumir ou comer fosse o mesmo e não o contrario de vender? Traducção Livre!

Et reliqua por ahi fora.

Mas por Deus! Nem sou tão myope que não tivesse visto no rosto da tal versão—Traducção Livre—, nem é d'isso que a accuso, porque toda a boa traducção ha de ser necessariamente mais ou menos livre; do que eu a accuso, é de ser infiel em lugar de livre, é de só ser livre para descarrilhar do sentido (não digo das palavras, attenda bem) do auctor, mostrando-se no restante tão litteral, que cessa por vezes de ser portugueza, como quando verte *gardien*, que está no sentido de guarda, por *guardião* de convento. A este erro chama o nosso meio contradictor «gracioso lapso». Oh! este gracioso do collega é graciosissimo!

Porém querem os leitores? Ponham-se no lugar da «Nação», ou do articulista (do Porto?) para a «Nação», e digam-me: responderiam acaso mais habilmente que ella, entalada entre a evidencia e a obrigação de não dar o bracinho a torcer?

Deixar pois, a «Nação» em paz, que não pléiteou na ta mal *pro domo sua*. Não é dado a ninguém atirar-lhe a primeira pedra n'esta epoca venturosa em que os feixes (*fusces*) do lictor romano estão substituidos pelo molho das circumstancias attenuantes, que fazem desaparecer as culpas do cartorio, como o caminho de ferro as distancias.

Se tambem lhe passou pela mente alcinhar as minhas correções de escrupulos de inexoravel e nimia severidade, e a custo encontrou quatro, ou cinco, *notaveis*, tudo está no sentido que se liga á palavra—notavel.

Para o articulista, *notavel* é o que é gravissimo, uma especie de culpa suprema de codigo penal; para o resto da humanidade simplesmente o que é digno de nota, reparo, ou censura.

Veja-se Moraes, Constancio e Roquette.

Ora realmente não é digno de censura, é insignificante, traduzir—levar alguém ao cauto—, que quer dizer confundir alguém por palavras, em lugar de—chamar alguém de parte—. E' insignificante verter—cortar as aguas do mar—, em lugar de—exercer a pirateria—, quando nem pelos antecedentes, nem pelos consequentes, se torna patente este sentido. E' insignificante apresentar uma traducção tão inintelligivel como esta: «todas as mulheres de todos esses infelizes, a quem se ha arrancado o coração com a crença em Deus, e que por isso se detem unicamente, até o pão secco de seus filhos, me agradeceriam».

Uma boia por piedade!

Porem os quatro ou cinco erros notaveis?...

Esperem um bocadinho os leitores. A porta trazeira da *Traducção Livre*, ainda que construida com arte, e larga que nem

portão de cocheira, não pôde deixar fugir esses desgraçados que lá foram agarrados pelo liberalão do meirinho, como criminosos de pena ultima? Pela janella dos meus escrúpulos menos também poderiam evadir-se?... Quanto é fértil a imaginação do homem! Ao lado d'aquella porta trazeira rasgou-se outra ainda mais engenhosa, mais artistica, mais desafogada, e eil-os que se poem ao fresco com armas e bagagens. Querem saber-lhe o nome? E' a dos erros d'imprensa ou de caixa. Em apuros, os pobres dos typographos sobem á la lanterne, e está salva a patria!

E que responder a lembrança tão habil, tão graciosa, tão longe de toda e qualquer patacoada?

Está um futuro por um presente? Erro de caixa.

E' affirmativa a phrase, quando devia ser negativa? Erro de caixa.

Lê-se branco em vez de preto? Erro de caixa.

Erro de caixa, e grande, commetteu o arrecadador do meu artigo, que, como caixa bem pouco consciencioso, o guardou para fazer nas trevas, ou só apparecer perante algum novo tribunal de *inconfidencia*, quando eu lh'o mandei para sair á luz publica a desaffrontar o seu auctor. Se d'elle alguma cousa se publicou, foi apenas o que muito bem se quiz, suprimindo-se o resto e principalmente os commentarios de que iam forradas as emendas, para serem suppridos por outros de proposito enghenhados para armar ao effeito e debilitar o alcance das armas do adversario. E viva a boa fé!!

Contra isto... batatas. Em semelhantes condições toda a discussão é impossivel. Sempre ha meio de sophismar, uma vez adoptado o systema de o fazer, e para jogar o jogo das escondidas com a má fé entendo que já é um pouco tarde aos 25 annos d'idade. Porisso, nem entro, como a principio tencionei, na analyse minuciosa de cada uma das partes do artigo de 6 d'outubro, da «Nação», que só muito tarde conheci. Para que? que ganharia com isso? Abrir-se mais alguma porta trazeira para as evasões. Outro officio. O collega sabe pescar á linha? E' um divertimento innocente.

Da minha parte está concluida a questão, e concluida para sempre.

Felgueiras, 23 d'outubro de 1878.

(2072) José da Cunha Gonçalves.

TELEGRAMMAS.

Paris 24—O snr. Chiezi foi eleito presidente da camara dos deputados da Hungria por 206 votos em 360 votantes.

Esta eleição é considerada favoravel á politica do governo de Berlim.

Foram condemnados a varias penalidades desde 6 mezes de prisão até ás multas de 200 ou 16 francos, 24 individuos processados em consequencia do congresso socialista de Paris.

Dizem que Savfet-Pachá informou os embaixadores que a Porta tomou as disposições necessarias para o cumprimento do tractado de Berlim e ordenou que Podgoritz se entregue aos montenegrinos.

Londres 24—Falleceu o cardeal Cullen, arcebispo de Dublin.

Assegura-se que o exercito do emir do Afghanistan se compõe de 60:000 homens armados com espingardas modernas.

O sultão ractificou a convenção de Creta.

Dizem de Alexandria que os agentes diplomaticos da Italia e Grecia protestaram contra o pagamento da divida unificada enquanto não forem executadas as sentenças pronunciadas contra o governo egypcio.

Crê-se que a Austria adherirá a este protesto.

Londres 24—Diz o «Golos» que se a Inglaterra sómente exigir do emir Cher-Ali uma reparação; é negocio entre dois, mas se quer estabelecer-se no Afghanistan, impondo condições contra os russos, então será inevitavel a intervenção da Russia, que não deixará de mudar coisa alguma na Azia, sem a sua cooperação.

Constantinopla 24—A Porta referendou as reformas asiaticas.

Uma circular da Porta ás potencias denuncia que a insurreição na Roumelia na Macedonia é fomentada pelas juntas bulgaras e annuncia que procederá a nergica repressão.

O governo turco rejeitou o projecto russo de administração especial.

Londres 25—Assegura-se de Bombaim que a resposta do emir é polida, mas recusa absolutamente receber ou admitir a missão ingleza. Não deseja ter negocios alguns com a Inglaterra.

Um telegramma da Alexandria diz que a inundação do Nilo cobre 120 milhas quadradas de terreno em 20 aldeias. Calcula-se em perto de 1:000 o numero dos afogados.

Caneia 25—São muito alarmantes as ultimas noticias do Epirio e da Thessalia.

A liga albaneza, que conta com mil combatentes decidiu por unanimidade resistir até ao completo exterminio dos albaneses no caso de que a Porta ceda pela pressão das potencias ou por outra fórmula ás exigencias.

Constantinopla 25—Tendo o vice-consul inglez em Burgos ido a um café indagar a causa d'uma desordem que houve entre os inglezes e os russos, foi brutalmente atacado por alguns officiaes russos, e ferido gravemente.

VARIEDADES

Da nossa illustre assignante que o subscreeve, recebemos o artiguinho inserto abaixo.

São vinte e duas primaveras a bradar—guerra!—contra o pobre *deus vendado*, que por aquellas edades ridentes logra muitos carinhos... e tambem alguns repellões.

Que se console o travesso filho de Venus. O mundo é assim, meu amiguinho. Deixasses-te ficar lá por essas luminosas paragens do olympo, e não terias o trabalho de vigiar pela integridade das tuas costellas.

A Europa está sobre um vulcão. Terminada, ou espaçada, ou transferida, a guerra do Oriente, atea-se agora a guerra a Cupido!...

Pois elle rouba flores, mata corações, deixa espinhos e lucto; morte cruel ao sobredito!

E' o grito d'alarma da nossa amavel porta-bandeira, que vae entrar na lica com o garbo, com a galhardia, com o denodo dos tempos cavaleirosos.

Passagem á illustre guerreira!

Donzellas, morra Cupido!

Se desejaes, leitora, saber com quem ides travar conversação, segui-me por momentos com o vosso pensamento:

N'uma aldeiasita, distante 10 kilometros, pouco mais ou menos, de Chaves, n'uma casa de singela apparencia, entre as 10 e 11 horas da noite, estava eu, só, pensativa, e triste.

A unica janella do apôento em que me acho está entreaberta; os reflexos da escassa luz que me allumia, penetrando por ella, vão esclarecer debilmente, e em pequena distancia, as densas trevas da noite, e torna viziveis as sombras do anno carvalho que altivo se eleva aqui proximo.

Repito, leitora, estou só; porém nem aguardo entrevista d'amores, nem amores me preoccupam a alma. Contando apenas 22 primaveras, n'essa quadra mais risosinha e florida da vida, eu poderia amar, poderia sentir no peito esse calor voraz das paixões mais doces; mas que?! que prestes não iria murchar em botão a flor da vida! que prestes não sentiria n'alma o espinho acerbo d'um cruel desengano!...

A flôr da esperanza é attrahente e bella; mas tão cruel o vento da desillusão que a desfolha e sécca!...

Deixae, pois, leitora, que os meus suspiros silenciosos se percam n'este acanhado recinto; que as minhas lagrimas sejam ignoradas, e que não encontrem uma flôr d'amores para orvalhar; que os meus sonhos, promettedores da fruição d'um sympathico ideal, não cheguem a realisar-se, e sabeis porque? porque é grato dizer:

Cupido, não temo as tuas settas! formada do miseravel pó, pode arrostar com essa immensidade de desejos, de thesouros, de carinhos, de meiguices, que me assopravas ao coração! pude vencer-te na lucta da vida!

Eial donzellas, á portia contra Cupido! vestir as armas, montar o corcel, donzellas, eial correr, correr! guerra, guerra a Cupido!

Elle nos rouba flôres, mata corações;

deixa espinhos e lucto! eia! morte cruel a Cupido.

Ervededo 13—10—78.

Humilde trasmontana

Adozinda Moraes Soares.

AGRADECIMENTOS

Os abaixo assignados summamente pe-nhorados para com todos os ill.^{mos} e revd.^{mos} snrs. que no dia 23 de outubro, se dignaram assistir ao officio de corpo presente, por alma de sua filha e prima, Elvira Augusta da Costa Murta, que teve logar na egreja de S. Victor e bem assim para com as pessoas de sua estima e amisade que assistiram e se dignaram cumprimental-os por essa occasião veem, por este modo patentear a todas a sua mais reconhecida gratidão por o não poderem fazer pessoalmente.

Braga 23 de outubro de 1878.

Francisco Joaquim da Costa Murta
Carlos Augusto da Costa Murta.

Antonio José da Rocha

Francisca Joaquina Ferreira Gomes
(2067)

ANNUNCIOS



NOVO HORARIO.

Antonio Garcia, de Villa Verde, participa ao publico que o carro que d'esta cidade sae para Villa Verde ás 3 horas da tarde, principia a sair no dia 31 do corrente ás 2 horas, chega a Villa Verde ás 4 da tarde, sae de Villa Verde ás 6 da manhã, e chega a Braga ás 8.

Braga 28 d'outubro de 1878.

(2074) Antonio Garcia.

CAPELLÃO

Achando-se vago no Hospital de S. Marcos o logar de segundo capellão, que conjunctamente com o capellão mór, tem de fazer o serviço alternadamente por semanas, convidam-se os revd.^{os} Sacerdotes que pertenderem o dito logar a requerem á Mesa da Santa Casa da Misericórdia.

Prestam-se esclarecimentos na secretaria do mesmo Hospital.

Braga 24 de outubro de 1878.

O escrivão

(2034) Domingos Moreira Guimarães.

Banco Commercial de Braga em liquidação

Em virtude da resolução tomada hoje pela maioria da commissão liquidataria, e approvada pela commissão consultiva, são convidados todos os snrs. credores d'este Banco a virem liquidar os seus creditos, recebendo 10% em metal e 90% em papéis de credito, pelos preços que novamente se estabeleceram.

Braga 23 d'outubro de 1878. (2070)

DECLARAÇÃO

Theresa da Graça Domingues de Lima, solteira, *sui juris*, da rua de S. Vicente, d'esta cidade, declara, para todos os effeitos, que é sem fundamento e menos exacta até, uma *prevenção* que nos jornaes d'esta cidade fez publicar, ha poucos dias, João Manoel Antunes, da freguesia de Sobreposta, sobre a herança de D. Narcisa de Sousa Araujo Menezes, fallecida em 15 do corrente e moradora, que foi, na rua de S. Vicente d'esta cidade. A annunciante por effeito d'uma es-

criptura publica de 26 de fevereiro de 1877 é a unica e exclusiva herdeira da dita fallecida D. Narcisa, em virtude do que se acha de posse dos bens, que a finada lhe deixára, por aquella citada escriptura, dos quaes foi judicialmente empossada sem contradicção de pessoa alguma, o que faz publico para convencer em contrario os crentes d'aquella alludida *prevenção*, se por ventura os houver.

Braga 23 de outubro de 1878.

Theresa da Graça Domingues de Lima.
(2064)

VINHOS DA BAIRRADA

Armazem largo de St.^o Agostinho

BAIXOS DO TRIBUNAL JUDICIAL N.^o 3.

BRAGA

Manoel Martins Canellas participa aos snrs. negociantes de retelho, e aos snrs. particulares, que já chegaram uma remessa (a primeira), dos generosos vinhos da Bairrada, da presente novidade, e previne que o seu deposito é o unico que existe n'esta cidade, pois que alguns negociantes inculcam vinhos de outras procedencias como vinhos da Bairrada, isto em detrimento do annunciante.

Braga 24 de outubro de 1878.

Pelos annunciantes

(2068)

J. A. C. Moreira.

APPARICIO

27, Praça do Barão de S. Martinho, 27 C.

Recebeu de Paris: grande variedade de flôres, plumas, fivellas e formas para chapéus. Tudo proprio para a estação de inverno.

Preços sem competidor.

CHAPEUS MODELLOS E CASACOS

Apparicio, previne as suas exm.^{as} freguezas que nos primeiros dias do mez de novembro recebe de Paris grande sortimento de chapéus modellos para senhora e creanças, casacos, e muitos objectos de novidade.

Coroas e ramos para Cemiterio

Na loja de Apparicio, ha grande variedade de coroas, ramos e medalhões para ornar mausoleos.

Preços de 300 a 4\$500 cada um.

27, Praça do Barão de S. Martinho, 27 C.
(2053)

DOENÇA D'OLHOS

No palacete da rua do Cabo, n.^o 25, a Santa Izabel, em Lisboa, recebem-se doentes para se tratarem da molestia de olhos, com o especialista o exm.^o snr. dr. Wander Laon. Torna-se de vantagem este estabelecimento, por ser commodo no preço e estar ao lado do mesmo o snr. dr., o qual pôde ver seus doentes a qualquer momento. (2069)

BELLAS ARTES

Um professor de desenho, pintura, e gravura, lecciona na sua casa e fóra de ella; na rua do Anjo 15.

(2059)

J. V. de Salles.

Declaração

D. Maria Julia da Silva Braga, declara para os devidos effeitos, que achando-se habilitada para negociar, por escriptura que se acha registada no Tribunal Commercial d'esta cidade, passou procuração com todos os poderes a seu marido Domingos José Alves Braga, que tambem se acha registada para a representar em todos os negocios que achar convenientes; e delara mais que já abriu o seu estabelecimento de sola e cabedaes, e mais artigos concernentes ao mesmo negocio, o que tudo vende pelos preços mais resu-mido possivel. (1026)

RESPONSÁVEL—Luiz Baptista da Silva.

BRAGA, TYPOGRAPHIA LUSITANA—1878.